

A RELAÇÃO SAÚDE-MÉDIA

A frequência crescente com que nos *media* vêm surgindo notícias ligadas à Medicina - novas doenças, novas técnicas, novos fármacos, problemas éticos e deontológicos, suspeita de práticas irregulares, escândalos públicos - merece, em nome do bem comum, uma análise da relação entre meios de comunicação e saúde.

O principal problema na relação saúde-media está, exactamente, na falta de relação - os contactos são mínimos, não existe uma colaboração organizada, por vezes existe mesmo um antagonismo declarado.

Na realidade, apesar da importância social da saúde, o espaço e o tempo que os *media* lhe dedicam é infinitamente menor do que os concedidos, por exemplo, à política ou ao desporto.

E, no entanto, a prática cotidiana confere aos *media* um papel cada vez maior como sensibilizador e formador da opinião pública.

Quanto à saúde esse papel pode ser positivo ou negativo.

O lado positivo para além do formador é a denúncia pública dos casos de prática irregular que sem isso muitas vezes ficariam impunes e sem a reparação devida a quem os sofreu e ainda a pressão exercida sobre o governo para que rapidamente se corrija o que está mal.

O lado negativo é o pânico causado na população por notícias sensacionalistas ou erradas ou baseadas em factos não provados, que levarão a uma quebra de confiança nos médicos e nos serviços de saúde, o que vai envenenar a relação com prejuízo certo para ambas as partes e risco de fuga à medicina institucionalizada e o recurso a curandeiros de todos os tipos, alguns até licenciados em medicina.

Deverão os médicos guiar os jornalistas, orientando a informação, de modo a evitarem-se as citadas deformações, dramatizações e sensacionalismos, ou deverá o jornalista ficar inteiramente livre da escolha e transmissão da informação?

Fala a favor da primeira hipótese:

1. Os *media* são os principais reguladores da opinião pública. São eles que nos levam a abandonar velhas práticas nocivas ou a aceitar ideias novas.

Embora, em princípio, numa sociedade democrática cada um tenha a liberdade de regular o seu comportamento pelas suas opiniões e preferências, a realidade é que essas opiniões e preferências são fortemente condicionadas pelos *media*.

2. A actual orientação dos cuidados de saúde, baseada na prevenção e na transferência para o indivíduo da responsabilidade pela promoção da sua própria saúde, implica a necessidade de uma informação extremamente rigorosa.

3. Os jornalistas não estão, regra geral, preparados para evitarem erros ou omissões em matéria de saúde.

Embora isto aconteça cada vez menos, alguns jornalistas têm uma confrangedora ignorância, que não se dão ao trabalho de combater, acerca da matéria que investigam e transmitem uma triste impressão de amadorismo que tentam disfarçar com uma agressiva técnica de entrevistar que confunde e põe na boca dos entrevistados menos experientes, palavras que não traduzem de modo algum o seu pensamento.

4. A concorrência comercial entre os diversos *media*, obriga-os, muitas vezes, a insistirem nos aspectos sensacionais, usando para isso espaço e tempo que os cientistas reservariam para informações mais formadoras e instrutivas.

A isto respondem os jornalistas:

1. Afirmações como as produzidas acima, provêm do desejo de controlar a informação, ditando ao jornalista o que ele deve dizer e o que ele deve calar.

2. O jornalismo deve ser livre e não só livre como até inimputável. Segundo muitos jornalistas a responsabilidade seria um entrave à livre informação e não é por caso que nas redacções é costume dizer-se que a boa notícia é aquela que alguém não deseja ver publicada.

3. Isso é reconhecido pelos médicos e nem sempre considerado pernicioso. Recentemente *The Lancet*¹ comentava: *A iconoclastia tem uma longa e honrosa tradição no jornalismo. Os melhores jornais tentam manter distanciamento para com o establishment - político, económico, social, legal e médico - e isso é uma das razões porque os cépticos são bem acolhidos; a outra é porque os seus argumentos têm sempre impacte.*

4. E, além disso, quem garante ao jornalista que a informação científica que lhe está a ser transmitida é correcta? Não estão os médicos tantas vezes em desacordo entre si? E nestes casos como saber onde está a verdade? E também não usam e abusam os médicos, tantas vezes, de atitudes sensacionalistas?

5. Motivar é dirigir a população é atentar contra a sua liberdade.

A missão do jornalista é unicamente informar e documentar, e não lutar por uma causa ou participar em campanhas.

A população não deve ser tratada como um espectador passivo que se guia. Em face dos factos ela decidirá por si como mais lhe convém usar a informação recebida.

Toda a dificuldade está, afinal, em estabelecer uma correlação entre valores sociais e valores informativos.

A realidade, porém, é que um jornalista não é uma máquina pura. Ele, ou o seu redactor chefe, ou o grupo capitalista proprietário da rede de informação, ou o próprio Estado no caso da imprensa estatizada possuem, tal como os médicos, o seu sistema de valores e os seus interesses, estes muitas vezes menos isentos.

Assim, a informação, conscientemente ou não, deliberadamente ou não, acaba sempre por ser condicionada, variando esse monopólio de grupo social conforme as circunstâncias.

Mas, até isso pode deixar de acontecer. Eduardo Prado Coelho afirmou-o recentemente ao escrever que o *jornalismo ideológico* está a ser substituído pela *ideologia do jornalismo* o que se por um lado lhe pode conferir uma saudável autonomia, por outro o pode empobrecer, se essa ideologia for a de usar seja que meio fôr para vender.

Estes problemas têm hoje especial actualidade. Há anos Norberto Lopes escreveu: *Há que libertar a imprensa dos desmandos a que com frequência se entrega*; Raul Rego disse: *Todos temos muito que aprender*; Joaquim Letria afirmou: *Neste país o jornalismo tem má qualidade*; e Eduardo Prado Coelho conclui: *Na imprensa portuguesa não existe muito o jornalismo de investigação: o que existe é*

um jornalismo feito de bocas que são lançadas com maior ou menor responsabilidade.

No I Congresso de Jornalistas foi recomendado: *É necessário melhorar a qualidade da informação em Portugal e Não se permita que a mediocridade encontre refúgio no actual sistema de carreiras e na atribuição de carteiras profissionais.*

E, no entanto, o poder dos *media* é enorme e com o avanço da tecnologia não faz senão crescer. Bem recentemente o maior de todos nós, médicos, escreveu² sobre o jornalismo internacional: *Fazem e desfazem reputações, decidem sobre política, acreditam e desacreditam as obras literárias que não leram ou não souberam ler, condicionam os reflexos da humanidade. São os donos das circunstâncias, os directores espirituais deste tempo (...).*

Num célebre editorial do Times, em 1852, escreveu-se: *O primeiro dever da imprensa é o de obter informações o mais recentes e o mais exactas possível, e ao difundi-las contribuir imediatamente para o bem comum.*

Verdade seja que a velocidade com que hoje se vive pode, por vezes, em nome do *imediatismo* comprometer o rigor mas isso não deve constituir uma desculpa para que a favor daquele se sacrifique este.

Exactidão, objectividade, precisão, são condições fundamentais que só se realizam se houver uma colaboração eficaz entre saúde e *media*. Como coordenar essa colaboração?

Quer a informação trate da difusão de factos, quer inclua juízos ou opiniões, o jornalista deverá procurar ouvir mais que uma fonte - doentes, familiares, médicos ou representantes dos organismos de saúde -, oferecendo, assim, pluralidade na informação.

Nas notícias que envolvam pessoas em situações socialmente estigmatizantes, deverá haver o maior escrúpulo quanto à revelação da sua identidade.

Sem prejuízo da actualidade, os contactos deverão ser feitos com tempo, de modo a evitar-se o risco das notícias colhidas apressadamente e redigidas *em cima do joelho*.

Quando se trate de entrevistas escritas ou gravadas ou de artigos assinados, os entrevistados ou os autores deveriam rever as provas, o que evitaria erros de interpretação ou de composição.

Enfim, como para tudo, afinal, trata-se quer do lado da saúde, quer do lado dos *media*, unicamente de um problema de educação, de formação, de consciência, de honestidade.

J.M. RAMOS DE ALMEIDA

1. MALCOLM DEAD: Lancet 1992; 339: 1286

2. MIGUEL TORGA: Diário XVI. Coimbra 1993